



EDUCAÇÃO E POLÍTICA ALTERNATIVAS PARA UMA ÉPOCA HISTÓRICA DE TRANSIÇÃO: APROXIMAÇÕES À TEORIA DE ISTVÁN MÉSZÁROS

Demetrio Cherobini¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar algumas das contribuições teóricas do filósofo húngaro István Mészáros ao campo da teoria da educação. Para Mészáros, a atual forma de organização de nossa sociedade – isto é, a maneira específica pela qual os homens e mulheres regulam o *metabolismo social humano* –, controlada pela *relação-capital*, é cronicamente *insustentável* e, por isso, nos coloca a todos diante de um dilema: ou assumimos conscientemente as rédeas e os rumos das atividades que determinam nossas vidas, ou sucumbimos à lógica destrutiva e barbarizante que configura as relações sociais comandadas globalmente por tal sistema. A *educação* pode contribuir para a primeira dessas possibilidades, a *emancipação humana*. Para tal, deve se constituir como prática eminentemente *crítica* e não se limitar às ações que se desenvolvem unicamente no plano institucional e formal. A educação transformadora é, segundo Mészáros, aquela que se abre para se integrar aos movimentos práticos que hoje se insurgem contra o domínio do capital, a fim de auxiliar a formação das mediações materiais capazes de possibilitar aos produtores livres e associados a regulação consciente, não antagônica, cooperativa, horizontal e sustentável do metabolismo social humano.

Introdução - A necessidade permanente de autoeducação das massas para a superação definitiva do capital em crise

Como consequência da grave crise que afeta o sistema do capital em sua totalidade, os últimos anos foram pródigos em produzir mobilizações sociais e políticas que chamaram a atenção do mundo todo. Diversos foram os países nos quais homens e mulheres se levantaram para se opor aos efeitos e causas dessa crise e questionar o fato de que as decisões fundamentais de cunho político, econômico e social, que afetavam profundamente suas vidas, estavam sendo tomadas a revelia de suas vontades². Até mesmo o Brasil, guardadas as devidas proporções, foi palco para o pronunciamento de muitas vozes, que, descontentes, clamavam por melhores condições de existência³.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

² Para uma boa interpretação de tais acontecimentos, vale a pena conferir a excelente entrevista de Ricardo Antunes para Valéria Nader e Gabriel Brito, “Luta pelos direitos do trabalho é hoje vital diante da crise cabal do capitalismo”, publicada no Correio da Cidadania (08/09/2011). Como explica Antunes, ainda que cada uma dessas manifestações tenha tido a sua singularidade, todas elas revelam um traço comum: expressar um profundo descontentamento em relação à ordem em que se inserem, ordem essa marcada, de uma forma ou de outra, pela grave crise do sistema do capital.

³ Sobre esse ponto, é útil ler o bom artigo escrito por Fernando Marcelino “Quatro lições sobre a nova dinâmica

A realização de um projeto civilizatório alternativo, capaz de superar definitivamente as danosas contradições originadas por essa situação crítica, exigirá medidas que ataquem o mal em suas raízes: eliminar as mediações antagônicas usadas pelo capital para o controle e exploração do metabolismo social e formar novas mediações que garantam aos produtores livres e associados o exercício consciente do poder de decisão sobre todos os âmbitos da atividade produtiva humana.

Será preciso, portanto, que os trabalhadores deem início a um árduo e paciente processo de *transição*, no qual suas ações radicais deverão andar a par e a passo com uma reflexão teórica consistente, capaz de concorrer para o bom termo dos objetivos almejados. Em outras palavras: no movimento de efetivação de uma nova ordem histórica – a comunidade humana emancipada -, as massas necessitarão de um esforço *autoeducativo permanente* a fim de apreender teoricamente as múltiplas determinações que compõem o ser da sociedade e, com base nessa análise, elaborar uma *estratégia* capaz de orientar, de modo eficaz, o enfrentamento da realidade opressora.

O filósofo húngaro István Mészáros é um dos autores que, nas últimas décadas, mais tem se dedicado a elucidar as questões políticas e educacionais referentes ao projeto da emancipação humana. O presente artigo tem como objetivo analisar algumas das suas contribuições a respeito.

O capital e sua crise estrutural: um sistema de mediações a ser superado

Em *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*, István Mészáros desenvolve uma crítica sem concessões ao sistema do capital, acompanhada de uma estratégia política coerente com vistas a auxiliar os trabalhadores do mundo em suas lutas por emancipação. São inúmeras as contribuições presentes na obra. A que talvez se possa destacar em primeiro lugar é a conceituação do capital como um complexo de mediações de *segunda ordem* – a saber: os meios alienados e os objetivos fetichistas de produção, o trabalho “estruturalmente separado da possibilidade de controle”, o dinheiro, a família nuclear, o *mercado mundial* e as várias formas de Estado do capital – que se afirma sobre as mediações de *primeira ordem* da atividade produtiva, subordinando-as hierarquicamente e compondo com elas uma dinâmica orientada pelo imperativo da “*mais elevada extração praticável do trabalho excedente*”, num movimento sempre acumulativo, expansivo,

"automático" - no sentido de que esse processo se desenvolve sem que a coletividade humana consiga controlá-lo conscientemente – e, hoje mais do que nunca, perdulário e destrutivo.

No interior desse sistema, diz Mészáros, o Estado não é nada mais do que o elemento cuja especificidade consiste em promover a retificação - isto é, a “harmonização” momentânea - dos “microcosmos antagonicamente estruturados” que configuram o capital. Ele se situa no interior do complexo em questão, participando ativamente do deslocamento das contradições - alguns dos chamados “limites relativos” - inerentes a tal sistema. Por esse motivo, afirma o filósofo, é equivocado tomar o Estado como uma entidade apartada do capital, capaz de impor-lhe rédeas e de frear o seu ímpeto fetichista. O Estado contemporâneo não está além do capital; ele não passa, em realidade, de um dos componentes principais de sua base material: esta é a primeira lição importante que o grande livro de Mészáros nos traz.

O filósofo húngaro elabora suas categorias a partir de um diálogo crítico com autores de ampla envergadura teórica, tais como Hegel, Marx, Lukács, Adam Smith, Schumpeter, Hayek, Paul Baran e Paul Sweezy, entre outros, e avança no sentido de realizar uma “análise concreta da conjuntura concreta” da formação social vigente em nossos dias. Nesse trajeto, esmiúça e desvenda as determinações fundamentais da *crise estrutural do capital*, uma nova situação histórica que, na sua visão, abre a possibilidade objetiva para a superação do atual “sistema de controle sociometabólico” em direção a um modo qualitativamente diferente de organização comunitária, na qual os produtores livremente associados se tornam os responsáveis conscientes pela regulação sustentável do metabolismo social. O que vem a ser, pois, essa crise estrutural?

Mészáros explica que a formação do capital passou, primeiramente, por um longo período histórico de ascendência que culminou na dominação, por parte desse brutal sistema de exploração de trabalho excedente, de toda a superfície do globo terrestre. Enquanto essa fase ascendente perdurou, o capital conseguiu lidar com as suas crises inevitáveis por meio de rearranjos internos de suas mediações constituintes, de ações “harmonizadoras” do Estado, de deslocamentos de contradições e da imposição de suas formas de sociabilidade a outros povos e nações.

Com o planeta inteiro assim conquistado, uma nova etapa histórica teve início, na qual já não é mais possível ao sistema exportar os seus antagonismos da maneira como antes fazia. Como consequência, alguns dos elementos contraditórios, que outrora alimentavam o movimento ascendente do capital, tornam-se “disfuncionais” em relação a essa macroestrutura e passam a ameaçar a sua viabilidade enquanto modo de controle dominante sobre a atividade produtiva.

É então que o capital vê ativados os seus “limites absolutos”, isto é, os limites que não podem ser transcendidos se não se altera por completo o próprio “macrocosmo” de relacionamento social que lhe serve de fundamento. A *crise estrutural* de que Mészáros fala é, justamente, essa nova modalidade histórica de crise – diferente das anteriores, ocorridas na fase de ascendência do capital -, onde o sistema já não dispõe da possibilidade de expulsar para longe os seus limites relativos e onde alguns dos antagonismos que no passado concorreram para a sua reprodução no tempo e no espaço começam a obstaculizar sua dinâmica acumulativa e expansiva.

Isso tudo, continua o filósofo, acaba por engendrar enorme variedade de percalços, desde complicações no processo de “valorização do valor” (e a conseqüente emergência do *antivalor*) até a alteração, num sentido decrescente, da taxa de utilização das mercadorias. Para tentar lidar com os efeitos desses problemas, o sistema é forçado a efetivar uma forma de produção essencialmente *destrutiva*, isto é, que atribui à destrutividade – elemento intrínseco ao capital desde os seus primórdios, mas que, até então, não era dominante – o papel de “princípio orientador” do trabalho.

A *produção destrutiva*, de que fala Mészáros – ao contrário da *destruição produtiva*, vigente no passado e teorizada por Schumpeter -, se expressa de muitas maneiras: na precarização do trabalho (camuflada, muitas vezes, ideologicamente, sob o rótulo enganador de *flexibilização*), na degradação ambiental, na *obsolescência planejada* – mercadorias produzidas para, num curtíssimo espaço de tempo, se tornarem obsoletas, a fim de serem substituídas por novas mercadorias – e no “complexo militar-industrial”, setor chave da economia mundial, onde as mercadorias – artefatos bélicos etc. – se destroem no ato imediato do seu consumo.

O filósofo ressalta que o surgimento da crise estrutural não quer dizer que o sistema esteja em vias de desaparecimento, ou que vá implodir, em breve, por conta própria. O que em verdade ocorre, diz Mészáros, é que o capital continua vivo, mas vivo à semelhança de um *câncer*. Portanto, com uma dinâmica metabólica altamente agressiva e degradante, o que torna a situação da humanidade particularmente grave na atualidade. Mas, por mais paradoxal que isso possa parecer, é essa a condição que de fato abre a possibilidade objetiva para a superação do complexo social alienante em que nos inserimos.

O autor de *Para além do capital* se baseia aqui em Marx, para quem “nenhuma formação social desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela contém” (apud Mészáros, 2002, 467). Para o filósofo húngaro, a presente crise estrutural é a confirmação desse pleno desenvolvimento das forças produtivas do capital, que, por haverem

se transformado em forças eminentemente *destrutivas*, colocam em risco a viabilidade do sistema, ao mesmo tempo em que impõem para a humanidade um desafio que ela já não pode contornar: a elaboração de uma alternativa radical em relação ao atual estado de coisas ou a deterioração progressiva de sua substância enquanto seres autoconscientes e capazes de desenvolver positivamente suas vastas potencialidades.

A necessidade de formação de novas mediações de regulação do sociometabolismo humano: a tarefa inadiável da ofensiva socialista

É aqui que entra em cena o tema da *ofensiva socialista*, a estratégia revolucionária capaz de nos levar para além *do capital* enquanto modo de controle sócio-metabólico fetichista, alienante, perdulário e destrutivo, e não somente *do capitalismo* e seus respectivos instrumentos de garantia e segurança da propriedade privada.

A ofensiva socialista que Mészáros defende não dispensa as lutas que ocorrem no interior do parlamento e do Estado burgueses, mas as transcende ao centrar seus esforços na formação de novas *mediações extraparlamentares*, não antagônicas e sustentáveis, de regulação da atividade produtiva. Ora, argumenta o filósofo, sendo o capital um sistema específico de mediações de segunda ordem, que, além de determinar as ações do Estado, age fundamentalmente *fora dele* – o capital é uma "*força extraparlamentar par excellence*", diz Mészáros -, o que é necessário, justamente, é *negar* essa estrutura ali mesmo onde ela se enraíza, bem como *afirmar* um novo conjunto de mediações, organizadas de maneira horizontal e pluralista e controladas de forma consciente pelos produtores livres e associados.

Isso está de acordo com o ideal de *crítica* que o filósofo húngaro resgata de Marx, a saber: a articulação teórica e prática de *negação* e *afirmação* no sentido da construção da emancipação humana. Em termos político-institucionais, a negação consiste na atuação que acontece *ainda no âmbito do Estado*. Ela é, aí, pois, sinônimo de *defensiva* – por exemplo, lutar no interior do parlamento pela manutenção de direitos conquistados historicamente. A postura defensiva, diz Mészáros, é importante e não deve ser desprezada. Mas ela precisa ser complementada pela ação *afirmativa*, isto é, pela criação de mediações de regulação sócio-metabólica que estejam além do capital e, portanto, além do Estado.

A *ofensiva socialista* é, então, essa conjugação de atividade negativa e afirmativa, de práxis que se dá, também, no plano do Estado, mas que ocorre substancialmente *fora dele*, a fim de se transcender a divisão hierárquica do trabalho e a separação entre os trabalhadores e os meios de produção. Em ambas as frentes de batalha – intra e extra-parlamentar -, as ações

necessitam se orientar pelo objetivo de *distribuir o poder de decisão*, sobre todos os âmbitos da atividade produtiva, aos “produtores livremente associados”.

Fica claro, então, que, de acordo com Mészáros, o problema a ser atacado é o da separação entre *política* – a decisão consciente dos indivíduos sociais – e a *esfera reprodutiva material* da sociedade. E isso só pode ser feito se se supera a “política tradicional”, visto que o que está em jogo é não apenas a mera ocupação do Estado – que não pode, por definição, se tornar instrumento de controle do capital -, mas a regulação da produção por parte dos sujeitos que a realizam. *Fundir* o processo de *legislar* – decidir, estabelecer conscientemente as regras, os processos, os meios etc. - ao de *produzir* – fazer, executar, realizar –, de uma maneira em que os próprios produtores se autodeterminem, tal deve ser o objetivo precípua dos socialistas.

É por essa razão que a nossa práxis não pode se limitar ao campo do parlamento. Para que consigamos confrontar a ação extraparlamentar do capital – aquela que, bem entendido, controla o metabolismo social humano e utiliza, para esse fim, o Estado –, é preciso que nos constituamos, também, como força extraparlamentar. Percebe-se, assim, que o movimento de transformação revolucionária, que deve abarcar todos os aspectos constitutivos da inter-relação entre capital, trabalho e Estado consiste numa reestruturação completa e radical das mediações materiais herdadas.

Existe, portanto, uma saída para a atual destrutividade que comanda o sociometabolismo humano. Para Mészáros, essa saída tem nome: *socialismo*. E isso depende, justamente, da criação de novas formas de mediações materiais que superem o sistema do capital e permitam à humanidade regular de um modo consciente e não antagônico a sua atividade produtiva. A *ofensiva socialista* de que o filósofo fala é a estratégia para, transcendendo-se a ação política tradicional situada dentro dos limites do parlamento - e do Estado como um todo -, levar a efeito tais mediações com a correspondente forma de *consciência* e de *valores* que o movimento alternativo requer.

O projeto alternativo socialista exige, então, que nos orientemos a partir de um quadro estratégico adequado de atuação nacional e internacional, com vistas a irmos *para além do capital*: para além das mistificações ideológicas que querem nos manter paralisados e entorpecidos com mais e mais consumo, para além das mediações práticas antagônicas e destrutivas que controlam hierarquicamente o metabolismo social humano. Este é o padrão para definir um projeto qualitativamente diferente, verdadeiramente alternativo (e não a maior posse, por parte dos trabalhadores, das múltiplas formas de expressão do capital – por exemplo: mercadorias ou dinheiro).

A educação *para além do capital* é aquela que, concebendo-se como mediação indispensável, se integra conscientemente nesse projeto *de transição* que deverá fazer vir à luz uma sociedade capaz de proporcionar *tempo disponível* para a realização de todas as potencialidades humanas.

Educação e política ofensivas para um projeto sociometabólico alternativo

Citações de autores clássicos, evidentemente, não podem constituir o ponto de partida para se pensar uma educação transformadora. Em verdade, esse ponto de partida deve ser buscado na crítica das mediações materiais antagônicas que compõem o sistema do capital – as “condições realmente dadas”, de que o filósofo húngaro fala, bem como as suas “conceituações tendenciosas”. De acordo com a teoria de Mészáros, sem tocar tais problemas, não há a mínima possibilidade para se delinear nem mesmo um esboço primário de uma proposta alternativa de educação e de política capazes de auxiliar o projeto da emancipação humana. Somente com o desvelo dessas questões se torna possível elaborar uma estratégia eficaz para o enfrentamento e a superação da ordem sociometabólica vigente. Compreendendo-se, por exemplo, que o capital é uma forma de controle *hierarquicamente estabelecida* sobre o trabalho, pode-se, conseqüentemente, negar essa estrutura e afirmar uma *nova forma – articulada horizontalmente* e calcada na *igualdade substantiva* - de organização da atividade produtiva.

A educação é, assim, parte de um projeto político-social - mediação coadunada com outras mediações - que deve progressivamente *negar* a sociabilidade cristalizada e *afirmar* uma alternativa viável em relação a ela. É esse movimento que constitui a crítica radical, a práxis revolucionária rumo à comunidade humana emancipada, a sociedade regulada pelos produtores livremente associados, de que falavam Marx e Engels.

É importante ressaltar tais questões, pois Mészáros volta a elas constantemente. É a *crítica teórico-prática* da ordem do capital que deve constituir a *forma* da educação transformadora. Não se pode ter equívocos quanto a isso. Sabemos, por exemplo, de algumas correntes de interpretação que propõem o “trabalho” como “princípio educativo” de uma educação emancipadora. Não vamos afirmar aqui que isso não possa ser tentado como alternativa às práticas estereis atualmente estabelecidas no capitalismo - com divisão entre matérias e conteúdos, separação de teoria com a prática, etc. -, que só reproduzem a ordem vigente. Mas se esse “trabalho” for implementado e mantido de uma forma *hierarquicamente estruturada*, tal como acontece sob a égide do capital, então não cumprirá com sua intenção

revolucionária. Nesse sentido, se tivéssemos que estipular um “princípio orientador” para a educação socialista, talvez pudéssemos dizer que este deveria ser a *crítica radical do sistema do capital*, ou, para retomar as palavras de Mészáros, a *transcendência positiva da auto-alienação do trabalho* - e não meramente o “trabalho” tomado de maneira abstrata.

O mesmo vale para as linhas interpretativas que estabelecem que a tarefa precípua da educação é transmitir o “conhecimento universal” para as classes trabalhadoras. Talvez se possa, de fato, considerar isso algo desejável – parece-nos mesmo muito melhor que a proposta de desenvolvimento de “competências” para a pessoa se inserir acriticamente na dinâmica do mercado -, mas se esse “conhecimento universal” for trabalhado, como dissemos, da forma como se estabelece a dinâmica do capital – hierarquicamente estruturada, fetichista, alienante –, esta lógica de relações sociais será somente reproduzida, ao invés de superada.

Ora, Mészáros não autoriza nenhuma proposta de educação calcada meramente no ensino de “conhecimentos”, sejam estes de que ordem forem. O que ele propõe é o *ser consciente*, a *consciência de massa socialista*, e, ainda, uma “ideologia emancipadora”, “crítica”, o que não se faz exatamente com a difusão de “conhecimentos”, mas por meio de *uma prática adequada*. Não se pode, aqui, correr o risco de se cair num projeto “iluminista” de educação, revestido com uma terminologia marxista idealisticamente articulada. Erudição pode até ser algo desejável e útil para uma educação transformadora, mas ela, *por si só*, não é sinônimo de crítica, nem mesmo de consciência socialista. É perfeitamente possível haver, por exemplo, um sujeito qualquer repleto de “conhecimentos universais” - digamos que saiba as obras completas de Shakespeare (se é que se pode de fato considerar tal conteúdo como “universal”...) – e que *não seja consciente nem crítico* no sentido de negar a ordem do capital e afirmar a nova forma histórica. Uma educação transformadora é, em verdade, muito mais uma questão de *ideologia crítica* do que de “conhecimentos universais” – embora, evidentemente, uma coisa não exclua a outra.

A proposta de Mészáros é, parece-nos, mais radical e coerente, pois se orienta, justamente, pela *crítica* – ressaltemos mais uma vez: conjugação de *negação e afirmação* – do sistema de exploração de trabalho excedente hierarquicamente estruturado que constitui o capital. Exige, pois, uma ampla e profunda modificação de práticas e relações materiais – ou seja, dos *sistemas de mediações* atualmente estabelecidos -, que deve se dar com base no objetivo de transferir o *poder de decisão* sobre os processos sociometabólicos da humanidade para os produtores associados. Por isso, a reflexão sobre educação não pode se realizar meramente tendo-se em vista os ambientes *formais* de ensino, mas sim, sobretudo, as esferas *informais* de apropriação dos produtos históricos. Nessas duas “frentes de batalha”, a

educação necessita se estabelecer como prática que é, assim como a revolução, *permanente, auto-determinada* e rigorosamente, *ofensiva*.

Nesse sentido, acreditamos poder dizer que a *teoria socialista da educação* deve ser concebida primeiramente como *teoria política*, isto é, como teoria da transformação revolucionária do mundo. É a crítica das mediações de segunda ordem do sistema do capital que nos dá, pois, a chave para a formulação de um projeto consistente de educação para um período histórico de transição, como o que vivemos atualmente.

Uma educação para além *do capital*, e não apenas do capitalismo

Essas reflexões nos ajudam a aclarar mais a questão da *especificidade* da educação transformadora no pensamento de Mészáros. O trabalho é um processo ininterrupto pelo qual os seres humanos *se apropriam* do mundo objetivo e *se objetivam* nessa mesma realidade. Em momentos históricos idos, a apropriação e a transmissão de conhecimentos se confundiam mesmo com a própria dinâmica do trabalho, isto é, não se separavam dele. Foi em virtude de determinadas circunstâncias históricas concretas que uma certa prática de “aquisição de conhecimentos” se apartou da atividade produtiva e se “cristalizou” como “educação”, como pedagogia, etc.

Numa sociedade emancipada, contudo, é razoável supor que essas duas formas de atividade não estejam mais desvinculadas entre si. Quando Mészáros fala, portanto, em sua obra, que “a educação é a própria vida”, está querendo propor, com isso, que nós não podemos mais conceber a educação como algo “à parte” de todos os outros âmbitos da atividade social, e que o que se nos impõe na atualidade é a necessidade de rearticularmos dialeticamente essas esferas todas que a sociedade dividida em classes separou. Nesse sentido “ampliado”, a educação se confunde com a vida – porque o trabalho se confunde com a vida – e, mais, com a própria práxis revolucionária – isto é, com a práxis coletiva autoconsciente que supera a separação entre a economia e a política, entre a atividade produtiva e a decisão sobre os seus rumos.

Mas essa proposta que mescla a educação com a própria vida, e também com a práxis revolucionária, em Mészáros, é apenas um lado da moeda, o lado, por assim dizer, “geral” da educação. Há, também, nesse meio, um elemento específico, que fica claro em muitos pontos da obra do filósofo húngaro: a proposta da generalização do pensamento crítico *do capital* – e não somente do capitalismo –, e este ponto faz toda a diferença.

Isto deve ficar claro, a nosso ver, para que os educadores revolucionários não

alimentem a ideia ilusória da especificidade da educação como mera “transmissão de conhecimentos” – mesmo porque, a rigor, a transmissão de conhecimentos pode ocorrer em praticamente qualquer âmbito da atividade social humana. Por exemplo: um sujeito que passe algumas horas pesquisando por conta própria na internet pode adquirir mais conhecimentos do que num semestre inteiro de faculdade, feito muitas vezes num ambiente hostil, maçante e enfadonho.

Não queremos dizer com isso – frisemos mais uma – que a transmissão de conhecimentos não possa, ou não deva, se dar num processo educacional transformador, nem que não haja uma diferenciação entre saberes mais ou menos importantes nem de papéis que num, primeiro momento, existiria na relação entre professor e aluno no processo formativo. Afirmamos, isto sim, que tal coisa *pode ocorrer de início*, mas a prática envolvida precisa se orientar, *progressiva e permanentemente*, rumo a uma situação em que se minimize essa distância e, além disso, na qual o educando se torne cada vez mais autônomo frente ao educador, numa relação que, também, cada vez mais, seja vivida pelos sujeitos participantes de uma forma *horizontal*.

Tal prática é fundamental para a generalização do pensamento crítico – porque este, precisamente, não pode vir à luz a não ser se estiver acompanhado por um conjunto de práticas e relações sociais correspondentes. Se o controle hierárquico da atividade vital é uma condição para a existência do capital, esse tipo de situação deve ser quebrado também por meio da atividade educacional. O pensamento crítico – do capital! -, enquanto negação de uma dada realidade e afirmação de uma nova, não pode ser “transmitido” do alto por quem quer que seja. Ele só pode ser construído em conjunto por meio de práticas consequentemente adotadas, no interior das quais, “educadores” e “educandos” perdem, gradativamente – não de forma linear, mas no sentido da *Aufhebung* hegeliana –, a condição de polos opostos entre si. A especificidade do educador socialista, em resumo, é que ele trabalha por generalizar o pensamento crítico do capital e a consciência da necessidade da transformação socialista, mas o faz não “de cima”, e sim por meio de uma relação prática adequada – não só em ambientes formais, mas sobretudo informais - e fundamentalmente articulada com um projeto político mais amplo, com um sentido coerente, no qual pode ocorrer, é claro, a “transmissão” de algum conhecimento.

A educação capaz de criticar o capital é a que se organiza de uma forma qualitativamente diferente da desse sistema de mediações

É o projeto de crítica radical da sociedade do capital, como mencionamos, que nos impõe a necessidade de concebermos a educação dentro de uma perspectiva mais ampla, não só restrita às instituições formais, mas na qual todas as atividades sociais de interiorização do mundo passam para o centro das preocupações.

Como Marx demonstrou, os homens fazem a sua própria história a partir das condições legadas a eles pelas gerações passadas. Constituem-se como tais através da sua práxis, das relações que estabelecem com os outros homens e com a natureza no seu movimento de vir-a-ser. Apropriam-se do mundo, incorporam-no às suas práticas sociais, modificam-no e criam uma nova realidade, interna e externamente, onde são impressas características humanas. Nesse contexto, ao longo da sua formação histórica, a humanidade, em razão de circunstâncias muito específicas, acabou por produzir um determinado conjunto de mediações de segunda ordem, essencialmente antagônico, que passou a controlar e a organizar os processos primários por meio dos quais o real era apropriado e transformado. O *capital* se tornou, assim, o responsável pela conformação da interiorização humana, e é tal estrutura, justamente, que importa hoje transcender.

As formas de apropriação do mundo que o capital controla não se dão somente na escola ou na universidade, mas na vida como um todo. Por causa disso, a educação revolucionária não pode visar apenas os ambientes formais de ensino, mas sim se voltar para todas as outras atividades em que a interiorização (ou internalização) ocorre, a fim de produzir uma *contra-interiorização* radical. Não mais hierárquica, fetichista, perdulária, destrutiva, e sim sustentável, cooperativa, consciente, emancipada, numa palavra, *socialista*.

Por tal razão, uma educação alternativa só pode ser bem fundamentada se estiver delineada no quadro de uma *teoria política* concretamente produzida para fins específicos de confrontação de um sistema determinado de relacionamento social. Isto deve estar claro para os sujeitos envolvidos com atividades formais de ensino, pois eles necessitam ser capazes de fazer com que a sua instituição específica se abra para toda a sociedade, a fim de poder se articular com os movimentos materiais que visam superar a ordem do capital rumo à “nova forma histórica”.

A teoria de Mészáros é, portanto, uma defesa intransigente e sem concessões de que as instituições de ensino e seus participantes – educadores, educandos, trabalhadores da educação, comunidade escolar – entrem numa relação dialética com os processos políticos e sociais que, em nosso tempo, visam à construção do futuro emancipado da humanidade.

Isto não significa que tal teoria não diga algo digno de poder ser utilizado para orientar ações dentro do âmbito da escola ou da universidade. Por exemplo: se a atividade organizada

pelo sistema fetichista de exploração de trabalho excedente é estruturada *hierarquicamente*, a prática superadora de tal conjunto de relações precisa se ordenar de modo diverso. Isso pode ocorrer tanto no que toca à própria estrutura institucional como no interior da sala de aula: um movimento progressivo de transcendência da forma da interiorização que se dá de acordo com a lógica do capital, para uma outra, não fetichista, horizontal, cooperativa, auto-determinada.

É esse novo tipo de prática social que, implementado de modo adequado, torna possível a generalização do pensamento crítico do capital e a formação da “consciência socialista de massa” de que fala Mészáros.

Conclusão: por uma educação que nos leve a uma vida plenamente vivida

De que maneira seria possível resumir, em breves palavras, a concepção de István Mészáros sobre a educação transformadora, radicalmente crítica, urgentemente necessária para a definitiva superação da ordem do capital rumo à comunidade dos homens e mulheres emancipados? Acreditamos que existem algumas passagens de sua extensa obra que se adequam a um propósito sintetizador de maneira bastante eficaz.

A primeira delas é de um artigo escrito em homenagem a Paul Sweezy, trazido à luz logo após o falecimento deste grande intelectual marxista. Mészáros afirma, de forma contundente, que Sweezy havia levado, sem sobra de dúvida, “uma vida plenamente vivida: *uma vida dedicada até o fim ao serviço do nosso futuro socialista*” (2004b, grifo nosso). Há que se ressaltar bem aqui o profundo significado que o filósofo húngaro está atribuindo a tais palavras: uma vida na qual nos recusamos a perder aquilo que nos define como humanos - a possibilidade de nos auto-determinarmos conscientemente - e em que lutamos para afirmar essa causa que transcende a nossa restrita e limitada individualidade – a completa emancipação das classes trabalhadoras -, é uma vida que, nas circunstâncias atuais, é *plena* – e, portanto, *digna de ser vivida*. Não há que se preocupar, portanto, em se isolar da comunidade humana, em *ter* mais, em tomar o outro como concorrente ou como meio para a realização dos nossos fins individuais, em competir desmesuradamente, em adquirir muitas posses e luxos, em ocupar posições sociais e status desprovidos de maior significação quando comparados com o potencial para a realização de *uma totalidade de manifestações humanas de vida*. Uma vida plenamente vivida, certamente, se assenta sobre princípios éticos, políticos e existenciais bem diversos.

Nesse sentido, a passagem supra-citada sobre Sweezy é perfeitamente complementada com um comentário realizado acerca da célebre figura intelectual e política de Jean-Paul

Sartre, sobre o seu irrestrito *engajamento* em relação aos assuntos humanos, atitude esta que lhe permitia desafiar, “com orgulho e dignidade imensos, toda e qualquer instituição que se interpusesse entre ele e a realização dos valores que prezava” (1991, 15). Como afirma Mészáros (ibid., 16),

É esse *engajamento apaixonado com os assuntos do mundo conhecido* [grifo nosso], o “Finito” (ao contrário da perseguição ilusória da “imortalidade” literária), que atua como poderoso catalisador no presente, e como uma medida do feito que vincula o presente ao futuro. Não o futuro remoto, sobre o qual o indivíduo vivo não tem qualquer espécie de controle, mas o futuro imediato, aquele que está a nosso alcance e que, por isso, modela e estrutura nossa vida presente. Fora de tal engajamento com a própria, ainda que sofrida, temporalidade, o que existe é apenas o mundo da evasão e da ilusão. “Esta é a medida que propomos ao escritor: enquanto seus livros despertarem irritação, mal-estar, vergonha, ódio, amor, mesmo que nada mais seja que uma sombra, ele viverá. Depois disso, o dilúvio. Defendemos uma ética e uma arte do finito”, diz Sartre. E, em todos os sentidos, ele vive de acordo com essa sua medida.

Parece-nos evidente que Mészáros não se restringiria em recomendar tal atitude somente aos planos da ética e da literatura, e sim, sobretudo, aos da política e da educação. Pois é esse mesmo *engajamento* – homólogo à “vida plenamente vivida” de Sweezy - que pode servir como matriz para algumas características que se fazem cada vez mais imprescindíveis aos revolucionários do presente, principalmente em um contexto de tremenda crise social como o que vivemos. E as primeiras dessas características talvez fossem o “conjunto de crenças firmemente mantidas” aliadas a “um *ego* muito forte”, que, conforme Mészáros assinala, possibilitavam a Sartre desafiar tão corajosamente a ordem estabelecida de seu tempo. Segundo as palavras do filósofo húngaro (ibid., 18),

Não há dúvida de que Sartre possui ambas as coisas. A articulação da obra de toda sua vida caracteriza-se por um orgulho e uma dignidade imensos. Pois quê poderia ele ter realizado com humildade dentro de um ambiente hostil? “É preciso um orgulho insano para escrever – só é possível permitir-se ser modesto depois de se haver enterrado o orgulho em sua obra”, escreve Sartre.

Esse mesmo orgulho e essa mesma dignidade - por sua vez, causadores e produtos do seu engajamento radical, que levava o filósofo francês a “levantar questões a respeito de tudo” e a “desafiar a humanidade como um todo”, sendo essa a matéria e o substrato, na sua visão, de uma escrita, de uma arte e de uma postura existencial verdadeiramente críticas - devemos, os revolucionários do século XXI, aprender a ter. A consequência de tal decisão – ou *projeto fundamental* - é comentada magnificamente por Mészáros (ibid., 18-9) da seguinte maneira:

Não é uma decisão nada fácil assumir a carga desse desafio, e fazê-lo

conscientemente, como é o caso de Sartre. Uma vez, porém, que o projeto fundamental do escritor se define nesses termos, ele não pode esquivar-se à magnitude de sua tarefa sem perder a própria integridade (ou autenticidade). Aconteça o que acontecer, tem de articular as preocupações de sua época como um todo e não afastar-se delas.

Sua visão do *todo* traz consigo a lembrança permanente de sua própria responsabilidade por isso *tudo*. Mesmo que se queira absolvê-lo dessa responsabilidade, ele deve, questionando *todas as coisas*, afirmar e reafirmar seu direito inalienável de assumir a carga da *responsabilidade total*. Por “sua época como um todo” e “pela humanidade como um todo”. Eis porque não pode deixar de ser *intransigente* numa era dominada pela evasão e pelo subterfúgio, pela acomodação e pela fuga; em suma, pela auto-segurança institucional reificada, ao invés de enfrentar e atracar-se com as contradições que, em sua irresolução crônica, faz antever finalmente a perspectiva de um suicídio coletivo. E uma vez que essa verdade desagradável não consegue penetrar ouvidos ensurdecidos pelo ruído autocomplacente da acomodação confortável, a não ser mediante o grito mais alto possível da voz da intransigência, a intransigência moral e intelectual não acomodada (que não se deve confundir com a busca facciosa de um estreito interesse pessoal) torna-se a virtude fundamental da época, um *sine qua non* da realização significativa.

A mesma intransigência intelectual e moral, junto com o orgulho desafiador, a dignidade potencializadora de energias, o engajamento radical com os assuntos humanos e com a causa generalizada da emancipação, todas estas qualidades devem se constituir em parâmetros para orientar a política e a educação revolucionárias no século XXI. O bom educador é aquele que inspira tais virtudes.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Entrevista para Valéria Nader e Gabriel Brito, *Luta pelos direitos do trabalho é hoje vital diante da crise cabal do capitalismo*, publicada no Correio da Cidadania (08/09/2011). Disponível em www.correiodacidadania.com.br. Acesso em: 18/03/2012.

MARCELINO, Fernando. *Quatro lições sobre a nova dinâmica da luta de classes no Brasil*, publicado no Correio da Cidadania (17/02/2012). Disponível em www.correiodacidadania.com.br. Acesso em: 18/03/2012.

MÉSZÁROS, István. *A obra de Sartre: busca da liberdade*. São Paulo: Editora Ensaio, 1991.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo:

Boitempo, 2002.

MÉSZÁROS, István. *O século XXI: socialismo ou barbárie?* São Paulo: Boitempo, 2003.

MÉSZÁROS, István. *O poder da ideologia.* São Paulo: Boitempo, 2004a.

MÉSZÁROS, István. *Lembrança de Paul Sweezy.* 23/07/2004b. Disponível em <http://resistir.info/mreview/lembranca_de_paul.html>. Acesso em: 29/10/2010.

MÉSZÁROS, István. *A teoria da alienação em Marx.* São Paulo: Boitempo, 2006.

MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico.* São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. *Filosofia, ideologia e ciência social.* São Paulo: Boitempo, 2008.

MÉSZÁROS, István. *Princípios orientadores da estratégia socialista.* in *Margem Esquerda – ensaios marxistas nº 11.* São Paulo, Boitempo, 2008b, p. 57-69.

MÉSZÁROS, István, *A educação para além do capital.* São Paulo: Boitempo, 2008c.

MÉSZÁROS, István. *A crise estrutural do capital.* São Paulo: Boitempo, 2009.

MÉSZÁROS, István. *Estrutura social e formas de consciência: a determinação social do método.* São Paulo: Boitempo, 2009 c.

MÉSZÁROS, István. *Reflexões e perspectivas das relações entre capital e Educação.* in *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação.* Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. – v. 27, n. 2 – julho/dezembro 2009 e – Florianópolis: Editora da UFSC.

MÉSZÁROS, István. *Atualidade histórica da ofensiva socialista.* São Paulo: Boitempo, 2010.